

ESTUDOS

Murilo Mendes

“Encara a poesia como fenômeno diário, constante, permanente, eterno, e universal. Considera seus poemas como ‘estudos’ que outros poderão desenvolver. Entende que o germe da poesia existe em todos os homens, competindo ao artista, desenvolvê-lo nos outros. Crê na missão altíssima do poeta.”

Murilo Mendes

14 de julho

Orestes Orestes
Faça funcionar todos os ventiladores
A fim de ajudar a queda das estátuas.
Levaremos também
A sonda para iluminar os mares antigos.
Veremos o anjo da guarda
Sentado num cubo de cristal
Olhando os desertos se desdobrarem.
Os retratos de meus avós
Serão desenterrados do asfalto
A fim de receber as dinamites dos netos.
Montanhas caí sobre mim
Igrejas caí sobre mim
Aviões palácio mesmo caí sobre mim
Estado caí sobre mim

Mundo caí sobre mim
Portas do inferno caí sobre mim.

Epigramas:

O Poeta fascista

O poeta fascista
Sai para a rua aos gritos exaltando a guerra
Mas ao voltar para casa
Leva uma surra formidável da mulher
E fica manso como um cordeiro.

Poesia e petróleo

O poeta está com uma bruta vontade de passear,
De ver os arredores da cidade
Mas com a gasolina a 1\$500 o litro
A poesia só é possível a pé
E ele fica em casa odiando em vão Rockefeller e toda sua raça.

3-9-1935

Murilo Mendes, poeta católico, apostólico romano

O mistério de Saint-Romain

Passaremos sobre os leões
Passaremos sobre o pólo
Sobre o anjo da guarda das alfândegas
— Todo o mundo passa. —

o segundo, o vago espiritualismo que Drummond pressente surgir no horizonte de sua vida, conforme declarou em recente entrevista; o terceiro, esse anseio de comunicação, esse grande instinto de solidariedade que o faz amar os homens, apesar das guerras e da situação trágica do mundo. Carlos Drummond de Andrade é um poeta magro, não só físico mas espiritualmente. Magro porque voluntariamente despojado de acessórios e de adornos. Sua poesia é grave e esquemática. Seu quase constante humor vem mesmo aumentar essa gravidade. É um poeta em pânico, para o qual os bombardeios aéreos existem de fato. Pois bem, em face de uma situação muito mais negra do que a que enfrentou, por exemplo, Castro Alves, o nosso Drummond não gesticula, não apela para a retórica. Fica firme, embora visivelmente inquieto. Protesta contra a opressão e a injustiça social, mas volta-se para um detalhe do humano imediato — uma criança chorando na noite — que julga não menos importante que o todo. Essa capacidade de compreender o particular e o geral dá força e autenticidade à sua poesia. Existe sempre nele, também, um conflito entre o desejo de evasão e o de permanecer atento, na esperança de que o mundo se renove. O “Noturno à janela do apartamento” é uma síntese desse aspecto da poesia de Drummond, que lhe confere um grau de patético, embora sóbrio. “Um salto e seria a morte”. — “Mas a vida tem tal poder...” É bela essa contínua inclinação do seu espírito para uma grande esperança — digamos sem medo da perigosa palavra — cósmica. Tratando-se de uma homenagem, não estou aqui para fazer crítica. Apenas para saudar o poeta Carlos Drummond de Andrade como um dos companheiros mais queridos, mais inteligentes e mais vivos da primeira hora, e, sem dúvida, da hora H.

Rio, Junho, 1941.

Jorge (Jorge de Lima)

Há quantos anos te assisto trabalhar, escrever, compor, silenciar,
Há quantos anos comprehendo através da superficial vitória
Teu sorriso de desânimo.
Eu te vi rodando febril, agitado mas calmo,
No laboratório, na prancheta, no cavalete, na oficina de poemas,
No telescópio, no automóvel ou agarrado ao barro,
Na sala da composição, nos caminhos da Galiléia.

Poeta regional e cósmico tu és,
Poeta das anônimas bonecas de pano e das suntuosas rainhas egípcias,
Do homem comum e do Cristo Pantocrator.
Há quantos anos observo dia a dia tomar corpo
Essa vasta fotomontagem de tua vida!
Tua ternura secreta e riqueza de irmão,
Essa alergia à dureza
Que faz menos grande tua bondade...
Monge oculto sob as espécies da exigente carne,
Um terrível decreto divino condenou-te aos contrastes
É te inspira náusea ao teu próprio aparente dinamismo.
Jorge, irmão pródigo, oficialmente Jorge de Lima,
Não deixes de contemplar o Tibet atrás da linha dos arranha-céus;
Desiste da oferenda e do festim
E permanece para sempre tu mesmo, nosso
Jorge, Jorge, Jorge.

Maio, 1948.

Então eu deci na ladeira do mar
condusindo a bordo
uma avalanche de seios
perdão papai chorava

Murilo Mendes
a Aníbal Machado
Rio 1931